

## APRESENTAÇÃO

Escrito em 1961, quando Mário Sottomayor Cardia (1941-2006), então com 20 anos, era aluno do 2.º ano do curso de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, após haver passado pela Faculdade de Direito da mesma Universidade, o presente ensaio veio a ser impresso em 1963, como n.ºs 7/8 da Biblioteca Arcádia de Bolso, da editora do mesmo nome, não havendo, porém, chegado a entrar no mercado, por o jovem autor (que, numa breve nota final, advertia não corresponder ele já, inteiramente, ao seu pensamento), depois de a obra estar impressa, e apesar de ter corrigido várias colecções de provas, ter decidido introduzir nela diversas alterações, correcções e aditamentos, de diferente extensão, o que o editor não terá aceite, já que isso implicaria, praticamente, reimprimir todo o volume. Daí que tenha permanecido inédito até hoje e que esta 2.ª edição — que incorpora não só aquelas alterações, correcções e aditamentos como outros que, ao longo dos anos, o sempre insatisfeito e exigente pensador foi introduzindo no seu próprio exemplar — seja, realmente, uma primeira edição, pois só agora, 45 anos após a sua redacção, a obra chega, finalmente, ao conhecimento do público.

Redigido um século depois da obra capital de Amorim Viana (1822-1901), o presente ensaio apresenta-se, também, como uma *Defesa do Racionalismo*, embora num contexto cultural e especulativo muito diverso do do lente da Academia Politécnica do Porto e a partir de pressupostos também muito diferentes dos daquele, pois enquanto o pensamento do filósofo-

fo oitocentista se desenvolvia nos quadros da crítica da religião cristã e no âmbito do deísmo e do racionalismo espiritualista, o do moço pensador, se bem que, na sua assumida intenção sistemática, não descurasse o domínio da ética e da estética, situava-se, predominantemente, no plano epistemológico, com base num exigente formalismo logicista e antimetafísico.

Note-se, no entanto, que, apesar de a reflexão da juventude de Sottomayor Cardia se desenvolver, fundamentalmente, no âmbito epistemológico, este seu primeiro ensaio filosófico não deixa de, preliminarmente, considerar a religião e o fenómeno religioso, sustentando aí o autor que, se parece inegável que o sentimento religioso se encontra profundamente enraizado na alma humana do homem primitivo, a qual se define em estruturas de mentalidade pré-lógica e mística, correspondendo nela, simultaneamente, a recompensa e desejo de felicidade, cumpriria ter em conta que a «alma humana» não é imutável e igual a si própria para todo o sempre, configurando-se como histórica e reflectindo «as determinantes globais que tornam inteligível a história», pelo que egoísmo e sentimento de posse, termos correlatos do sentimento religioso, não fazem parte da condição definitiva do homem, sendo antes componentes da sua actividade num dado período histórico e em paralela conexão com necessidades e instrumentos que se transformam.

Esta a razão por que se lhe afigurava não ser defensável falar de «instinto religioso», pois o sentimento religioso seria algo que, dada a sua historicidade, se manifestaria apenas em certo tipo de evolução de sociedade.

Definindo-se como uma obra programática, que «pretende explicitar uma perspectiva de orientação filosófica, apresentando, sumariamente, alguns elementos para ela ordenados», e propondo-se «traçar linha metódica e sumariar tópicos que a enquadrem», o ensaio do moço Cardia dizia-se «concebido ao nível da generalização abstracta e pensado na dimensão de um tempo lógico», analisando o método racionalista pelo que ele significaria como objectivação do subjectivismo do sujeito pensante, ou seja, pelo que, na razão, é conhecimento, formalização.

Filiando o seu pensamento em António Sérgio (1883-1969) e Vieira de Almeida (1888-1962), o ensaísta sustentava que a

filosofia não era apenas um conjunto de problemas tidos por filosóficos mas sim «hábito mental, espírito crítico, predisposição intelectual», sendo constituída por um conjunto de ciências: a *semiótica*, a *epistemologia* e a *ética*, fora dela devendo ficar a *lógica*, a *psicologia* e a *estética*, por constituírem já domínios científicos especializados.

Esclarecendo este seu ponto de vista, notava Sottomayor Cardia que a *epistemologia* seria a teoria lógica da inteligibilidade e da objectividade, pelo que, enquanto a teoria psicológica do conhecimento o considera como existência, a teoria epistemológica o considera como verdade.

Por seu turno, a *semiótica*, que via como teoria complementar da epistemologia, seria a teoria do erro, consistindo na actividade que visa distinguir, de entre as questões levantadas em qualquer domínio, as que são verdadeiros problemas e as que constituem pseudoproblemas, bem como explicitar a estrutura dos sistemas metafísicos e identificar os elementos metafísicos das ciências.

Quanto à *ética*, entendia-a então o precoce ensaísta como ciência que tem por objecto as condições de harmonia entre a actividade e as aspirações e necessidades humanas, visando indicar directrizes de comportamento, influenciar a acção, modificar ou intensificar tendências valorativas.

Porque partia de uma posição declaradamente antimetafísica e pensava que a perspectiva da unidade da ciência era a única que correspondia a um ideal de plena inteligibilidade, sustentava haver uma única forma válida de conhecimento, pelo que seria a mesma a natureza da filosofia e a da ciência.

Com efeito, para ele, o conhecimento apresentava-se como a actividade de um sujeito, de uma consciência pessoal e subjectiva, de construção de explicações para os enigmas que preocupam o homem e suscitam a sua atenção. Daqui decorreria, então, que a objectividade não é o ser independente do pensamento, não é algo que esteja nas coisas, mas se encontra em nós, no pensamento racional, pois as coisas carecem de sentido oculto, de essência, de algo de subjectivo ou de objectivo. Subjectividade e objectividade são, exclusivamente, do domínio da nossa actividade mental, assim como objectividade e inteligibi-

## ÍNDICE

Apresentação	
<i>por</i> ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA .....	7
Nota prefacial	
<i>por</i> VIEIRA DE ALMEIDA .....	15
INTRODUÇÃO .....	19
CAP. I. A IDEIA DE RAZÃO .....	41
1. Inteligibilidade objectiva .....	41
2. Da estrutura psicológica à estrutura lógica .....	48
3. Razão: criação contínua .....	55
4. Razão e absoluto .....	63
CAP. II. RACIONALISMO, POSTULADO DO CONHECI- MENTO .....	77
A) Conhecimento .....	77
5. Conhecimento: ciência e filosofia .....	77
6. Pragmatismo e noção de postulado .....	83
7. Conhecimento e percepção .....	85
8. Conhecimento e conceito .....	92
B) Conhecimento verdadeiro: construção de for- malismo coerente .....	98
9. Verdade e construção .....	98
10. Verdade e pensamento coerente .....	112
11. Verdade, probabilidade e forma .....	122

C) Conhecimento e realidade .....	130
12. Real e racional .....	130
13. Idealismo e realismo .....	139
CAP. III. RAZÃO, ACÇÃO E SENSIBILIDADE .....	147
A) Razão e acção .....	147
14. Racionalização do esquema ético .....	147
15. Ética e ciências sociais .....	155
16. Ética e liberdade .....	170
17. Ética e dialéctica .....	177
B) Razão e sensibilidade .....	184
18. Expressão artística .....	184
19. Conhecimentos da expressão artística .....	195
20. Sensibilidade apolínea .....	207
<i>Adenda</i> .....	221
Nota final .....	225